

Eis aqui a serva do Senhor (Lc 1,38)

A autodesignação de Maria e seu fundo bíblico (5)

«ἰδοὺ ἡ δούλη κυρίου» como conclusão de Lc 1,26-38
(continuação e conclusão)

Resumo

Neste artigo concluímos o nosso estudo de uma autodesignação serva ou servo de Deus no NT e no AT como fundo bíblico para a resposta de Maria em Lc 1,38. Continuamos a nossa exegese de Lc 1,26-38 a partir de 1,35. Depois da declaração de Maria de sua incapacidade para cumprir o plano de Deus em 1,34, começa o Anjo Gabriel a revelar a ação do Espírito Santo em Maria. Ela vai ser Mãe de Deus pela obra do Espírito Santo. Maria aceita a ação divina e se declara serva do Senhor; desejosa para cumprir a sua vontade. Segue ainda uma breve explicação do Magnificat, porque neste seu canto de júbilo Maria repete a sua autodesignação “serva do Senhor”.

Terminamos o nosso estudo com o resumo dos pontos mais importantes do nosso trabalho. Lc 1,26-38 é o anúncio do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo, Messias esperado, Salvador do mundo e Filho de Deus, mas também anúncio da vocação de Maria a tornar-se instrumento ativo de Deus no plano da salvação da humanidade. Maria está na linha dos grandes servos da história da salvação que colaboraram ativamente no plano misericordioso de Deus. Comparando Lc 1,26-38 com as outras missões salvíficas, devemos constatar a unicidade da colaboração ativa de Maria na obra salvífica de Deus. Diferentemente de todos os outros servos de Deus, que contribuem na ação de Deus a favor do seu povo, o serviço de Maria se refere diretamente ao Filho de Deus e somente indiretamente ao povo de Deus. Sobretudo por isso o seu serviço se distingue de todos os outros serviços, que pessoas humanas alguma vez receberam de Deus. Através da sua autodesignação «serva do Senhor» Maria se dispõe a Deus para a sua participação ativa e direta na obra da salvação.

Summary

In this article we conclude our study of a self-designation “handmaid” or “servant of God” in the New Testament and in the Old Testament as the Biblical foundation for the response of Mary in Lk 1,38. We continue our exegesis of Lk 1,26-38 from verse 35. After the declaration of Mary concerning her incapacity to fulfill the plan of God in verse 34, the Angel Gabriel begins to reveal the action of the Holy Spirit in Mary. She will be the Mother of God by the work of the Holy Spirit. Mary accepts the divine action and declares herself the handmaid of the Lord, desirous to fulfill his will. There then follows a brief explanation of the Magnificat, because in this song of joy Mary repeats the self-designation of handmaid of the Lord.

We conclude our study with a summary of the most important points of our work. Lk 1,26-38 is the announcement of the birth of Our Lord Jesus Christ, the awaited Messiah, Savior of the world and the Son of God, but also the announcement of Mary’s vocation to become the active instrument of God in the plan of humanity’s salvation. Mary is in the lineage of the great servants of salvation history who actively cooperated in the merciful plan of God. Comparing Lk 1,26-38 with the other salvific missions, we must acknowledge the uniqueness of the active collaboration of Mary in the salvific work of God. Unlike all other servants of God that contribute to the action of God in favor of his people, the service of Mary refers directly to the Son of God and only indirectly to the people of God. Especially for this reason her service is distinguished from all other services that human beings have ever received from God. Through its self-designation “servant of the Lord” Mary relies on God for her active and direct participation in the work of salvation.

* * *

V. A serva do Senhor (Lc 1,35-38)

Chegamos agora ao último trecho do nosso relato, que intitulamos «A serva do Senhor». Aqui, Maria aparece como serva do Senhor, porque ela se disponibiliza completamente à ação de Deus todo-poderoso em si mesma. Depois da apresentação das circunstâncias especiais da origem da vida de Jesus (1,35), o Anjo indica o sinal da conceição milagrosa em Isabel como confirmação das suas palavras (1,36). Ele conclui a sua explicação com a promessa da assistência da onipotência divina (1,37), a que Maria dará a sua resposta (1,38).

1. «O Espírito Santo descerá sobre ti»

O Anjo Gabriel responde, então, à pergunta de Maria com uma explicação precisa da ação de Deus nela, voltando para a promessa inicial «O Senhor está contigo» (1,28) e concretizando-a. Por meio da intervenção de Deus, Maria será capacitada a realizar a missão que lhe será confiada por Deus.

Num *Parallelismus membrorum* o Anjo revela o efeito da Onipotência divina em Maria. «O Espírito Santo (πνεῦμα ἁγίου) descerá sobre ti, e o poder do Altíssimo (δύναμις ὑψίστου) te cobrirá com a sua sombra» (1,35)¹. Deus realizará o milagre em que Maria, como virgem, conceberá e dará à luz.

¹ Por causa do paralelismo e da falta do artigo «Espírito Santo» é sinônimo com «força do Altíssimo». Cf. D.L. BOCK, *Luke*, 121; F. BOVON, *Das Evangelium nach Lukas*, 76; J.A. FITZMYER, *The Gospel According to Luke*, 350; N. GELDENHUYS, *Commentary on the Gospel of Luke*, 76-77; J.B. GREEN, *The Gospel of Luke*, 90; W. GRUNDMANN, *Das Evangelium nach Lukas*, 58; I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 70; J. NOLLAND, *Luke*, 54; W. RADL, *Das Evangelium nach Lukas*, 66; H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 1. Teil, 52.

Ambos os termos («Espírito Santo» e «poder do Altíssimo») são usados sem artigo, apresentam-se, porém, por causa dos respectivos verbos, como agentes por si mesmos («Espírito Santo – descerá sobre ti» e «poder do Altíssimo – te cobrirá com a sua sombra»), no sentido de: O Espírito Santo se revela agindo com força. Cf. J. ERNST, *Das Evangelium nach Lukas*, 73. Esta compreensão é sugerida também as passagens citadas por Schürmann, nas quais ele evidencia a ligação estreita entre «δύναμις» e «πνεῦμα»: Lc 4,14; 24,49; At 1,8; 6,8.10; 10,38. Cf. H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 34, nota de rodapé 55. Ele explica isso então da maneira seguinte: «πνεῦμα ἁγίου – por causa do paralelismo e da falta de artigo sinônimo com δύναμις de Deus – realizará o milagre nela, a Onipotência criativa de Deus, para quem „nada é impossível“ (v. 37). Ele se refere ao Pneuma, que no início da criação pairava sobre as águas (Gn 1,2) e que é esperado no futuro descendo

O modo da ação do Espírito Santo é determinada melhor por dois verbos – descer («επελεύσεται») e cobrir com a sua sombra («ἐπισκιάσει») – que devemos entender também como relacionados no seu sentido. O primeiro vocábulo expressa, no significado «descer», algo repentino, fortemente eficaz como no Pentecostes (At 1,8; cf. Is 32,15); o outro nos recorda a nuvem em cima da tenda da revelação em Ex 40,35 e no monte da transfiguração em Lc 9,34 (cf. At 5,15)². A nuvem é simultaneamente sinal e escondimento da presença de Deus. Evidentemente estes dois verbos querem aqui expressar a presença criativa do Espírito Santo e a sua ação onipotente em Maria³. Ambos os verbos se encontram novamente no futuro, trata-se, portanto, de uma ação de Deus ainda não realizada.

O acontecimento anunciado em 1,31 deve ser realizado pela ação pessoal da graça de Deus em Maria. Que Maria nesta ação de Deus não deve permanecer puramente passiva, mas cooperar também ativamente, mostra o anúncio seguinte: o Anjo não fala simplesmente de uma criança, mas usa a expressão «aquele que vai nascer (τὸ γεινώμενον)»⁴. O Espírito Santo capacita Maria pela sua Onipotência divina, dar à luz o Filho de Deus⁴. Por causa da ação divina («δὲ καί») o seu filho é santo e será chamado filho de Deus⁵. O filho não será repleto do Espírito Santo somente a partir

das alturas (Is 32,15)». Ibid. 52. Semelhante A. VALENTINI, «L'annuncio a Maria», 287: «Pela obra do Espírito do Senhor e do seu poder se realiza, pois, uma nova criação».

² Cf. D.L. BOCK, *Luke*, 121-122; J.B. GREEN, *The Gospel of Luke*, 90; J. NOLLAND, *Luke 1-9:20*, 54; W. RADL, *Das Evangelium nach Lukas*, 66; H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 52-53; E. SCHWEIZER, *Das Evangelium nach Lukas*, 20.

³ Cf. F. BOVON, *Das Evangelium nach Lukas*, 76; J. ERNST, *Das Evangelium nach Lukas*, 72-73; J.A. FITZMYER, *The Gospel According to Luke*, 351; W. GRUNDMANN, *Das Evangelium nach Lukas*, 58-59; I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 70-71.

⁴ Cf. A. VALENTINI, «L'annuncio a Maria», 287: «O v. 35 apresenta uma novidade absoluta, além das expectativas de Israel: o Espírito descera não sobre o Messias, mas sobre a Mãe-Virgem, tornando assim santa a raiz e o broto que nascerá dela».

⁵ Segundo Schürmann «τὸ γεινώμενον» deve ser compreendido como sujeito, «ἄγιον» como predicato nominal, «υἱὸς θεοῦ» como aposição solta e, por conseguinte, «κληθήσεται» se refere a «ἄγιον»; cf. H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 54-55; parecido: F. BOVON, *Das Evangelium nach Lukas*, 77; W. RADL, *Das Evangelium nach Lukas*, 67. Fitzmyer, pelo contrário, vê também a possibilidade e uma omissão de «ἔσται»; J.A. FITZMYER, *The Gospel According to Luke*, 351-352; cf. I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 71. Zedda, pelo contrário, mostra no seu artigo, que «ἄγιον» deve ser compreendido como complemento predicativo de «τὸ γεινώμενον» e em conformidade com isso deve ser traduzido: «aquele que nascerá santo, será chamado Filho de Deus»; cf. S. ZEDDA, «Colui che nascerá santo ...», 170-180.183.

do ventre materno como João Batista, (cf. 1,15), mas o Espírito Santo lhe conferirá de forma criativa a vida e o ser e, por isso, determinará a sua essência íntima e o tornará santo, isto é, consagrado a Deus, pertencente a Deus⁶. Santo é Jesus, porque ele foi formado pelo Espírito Santo no seio materno; o Espírito „Santo“ o fez „santo“⁷. Como em V. 32 também aqui «κληθήσεται» deve ser entendido como afirmação de essência no sentido pleno⁸: o Filho, que Maria dará à luz, é o Filho de Deus, porque ele tem a sua origem no Espírito criador de Deus⁹.

Como confirmação, o Anjo se refere agora àquilo que tem acontecido em Isabel (1,36). Maria não pediu nenhum sinal, mas a referência a Isabel deve confirmar que Maria se tornará mãe pela ação de Deus¹⁰. O Anjo

⁶ Cf. W. GRUNDMANN, *Das Evangelium nach Lukas*, 58; I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 71; E. SCHWEIZER, *Das Evangelium nach Lukas*, 20; W. WIEFEL, *Das Evangelium nach Lukas*, 53.

⁷ Cf. H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 53-54.

⁸ Cf. *Ibid.*, 47, nota de rodapé 53; S. ZEDDA, «Colui che nascerà santo ...», 187.

⁹ Cf. W. RADL, *Das Evangelium nach Lukas*, 67: «A filiação divina de Jesus não se baseia na adoção por Deus, mas ela é tampouco uma filiação divina física no sentido de uma geração divina – inconcebível para a imagem bíblica de Deus –, mas ele é Filho de Deus, enquanto ele tem a sua origem no Espírito criador de Deus». Cf. J.B. GREEN, *The Gospel of Luke*, 91.

Neste sentido explica também a maior parte dos outros autores este versículo. «Como filho de Davi Jesus é filho de Deus, como o reino de Davi recebe o seu verdadeiro sentido pelo reinado de Deus. Naturalmente Jesus permanece filho de Maria, i.é homem, mas a temática do versículo nem é a das duas naturezas nem a dos dois graus cristológicos, mas a da natureza verdadeira do Messias e do seu reino»; F. BOVON, *Das Evangelium nach Lukas*, 77. «Ele é o Filho de Deus, não porque o seu nascimento é milagroso, mas porque ele é o Filho de Deus, por isso também o seu nascimento é maravilhoso»; J. ERNST, *Das Evangelium nach Lukas*, 73. «... como resultado da sua conceição sobrenatural ele se revelará, na sua humanidade, como ser divino; e também por causa disso ele será reconhecido como tal e será chamado Filho de Deus»; N. GELDENHUYS, *Commentary on the Gospel of Luke*, 77. «Filiação pelo Espírito de Deus»; W. GRUNDMANN, *Das Evangelium nach Lukas*, 58. «A descrição culmina na frase *ὁὐδὲ θεοῦ*, aqui sem dúvida no seu sentido pleno, aquele que foi gerado por Deus»; I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 71. «Jesus não se tornou filho de Deus pelo nascimento de uma virgem, mas isto ele já é antes da sua encarnação»; J. SCHMID, *Das Evangelium nach Lukas*, 44. «O sentido é, portanto, que o filho como escolhido por Deus será seu filho»; E. SCHWEIZER, *Das Evangelium nach Lukas*, 20. «No v. 32 a condição de filho do Altíssimo está em relação com a intronização messiânica de Jesus; no v. 35 a filiação divina está ligada ao seu nascimento da Virgem pela obra do Espírito»; A. VALENTINI, «L'annuncio a Maria», 288.

¹⁰ Tampouco Moisés pediu nenhum sinal na sua vocação. Deus, porém, como prova, faz a seguinte promessa: «Quando tiveres tirado do Egito o povo, vós servireis a Deus

confirma isso mais uma vez pela sua palavra final: «Pois para Deus nenhuma palavra será impossível» (tradução própria, 1,37). Uma vez que encontramos esta afirmação de novo no futuro, ela só pode referir-se à ação de Deus em Maria e não em Isabel e não deve significar que cada palavra de Deus será realizada plenamente. «A palavra de Deus é palavra eficaz»¹¹. No contexto de nossa narração isto significa, logicamente, que a palavra concreta de Deus, que o Anjo tinha que anunciar, se cumprirá com certeza. O poder de Deus tem infinitas possibilidades¹¹.

O Anjo, portanto, quer assegurar a Maria que ela realmente será capacitada pela ação onipotente do Espírito Santo, realizar o plano de Deus anunciado em 1,31-33. A mensagem do Anjo respondeu à pergunta de Maria, esclareceu a sua objeção e com isso é terminada. Ela exige agora uma decisão e uma resposta de Maria.

2. «Eis aqui a serva do Senhor»

A resposta de Maria é a sua terceira reação em nossa narração. Primeiro encontramos o seu silêncio refletinte depois da saudação do Anjo (1,29); em seguida, ela pede uma explicação ulterior da mensagem do Anjo (1,34); enfim, ela dá o seu consentimento ao plano de Deus (1,38)¹². A sua resposta contém duas partes: primeiro ela pronuncia, como ela se considera a si mesma e se autodesigna («Eis a serva do Senhor»), em seguida ela dá o seu consentimento para a obra salvífica de Deus¹³, disponibilizando-se inteiramente a Deus («faça-se em mim segundo a tua palavra»). Tal resposta é única em toda a Sagrada Escritura¹⁴.

Como temos visto na primeira e na segunda parte do nosso trabalho, a expressão «ἰδοὺ ἡ δούλη κυρίου», no AT e no NT, aparece somente nesta passagem. Maria é a única pessoa em toda a Sagrada Escritura que se autodesigna «a serva do Senhor». No seu canto de louvor «Magnificat»

sobre esta montanha» (Ex 3,12). Não se trata aqui de um simples sinal como p.ex. em Gn 15,8; Ex 4,1; Jz 6,17; 13,15.17; Lc 1,18, mas de um acontecimento, que tem seu significado próprio, como também aqui a maternidade de Isabel tem seu significado próprio.

¹¹ Comparável com esta referência à Onipotência de Deus é somente Gn 18,14: «Existe alguma coisa impossível para o Senhor?». Aqui, porém, no presente. Uma afirmação no futuro sobre o poder de Deus encontramos em Zc 8,6 e Mt 17,20.

¹² Cf. H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 57.

¹³ Cf. J. ERNST, *Das Evangelium nach Lukas*, 74; A.A. RODRÍGUEZ, «La Vocación de María a la Maternidad (Lc 1,26-38)», 172.

¹⁴ Cf. A.A. RODRÍGUEZ, «La Vocación de María a la Maternidad (Lc 1,26-38)», 171.

ela repetirá esta autodesignação e com isso sublinhará que ela se considera sempre como serva perante Deus: «Porque ele olhou para a humildade de sua serva» (1,48). Isto expressa a sua adoração e submissão, mas também a sua pertença a Deus e o estar salvo nele¹⁵. Maria sabe que ela está a serviço de Deus, como Moisés e Davi, que também se autodesignaram servos de Deus (cf. Ex 4,10; Nm 11,11; 2Sm 7,18-29)¹⁶.

Esta palavra de Maria é a resposta à sua vocação para um serviço, que lhe foi transmitido através do Anjo Gabriel¹⁷. Ela exprime, com isso, que está consciente, que Deus lhe confiou a missão de ser a Mãe do Messias e, com isso, colaborar ativamente para o nascimento do Filho de Deus. Maria está, assim, na linha dos servos do Senhor, dos quais Deus se serviu para a salvação do seu povo.

Se, nos versículos 1,28.30, foi expressa a relação de Deus com Maria, encontramos em 1,38 a perfeita correspondência em Maria, que comunica aqui a sua relação com Deus. Nestas palavras, ela pronuncia a sua adoração, i.é, o seu reconhecimento amoroso de Deus como seu Senhor, e a sua pronta submissão sob a sua vontade, à qual ela se disponibiliza completamente¹⁸.

Ela completa isto ainda pelo acréscimo: «Faça-se em mim segundo a tua palavra». Com «palavra» (ῥήμα) Maria se refere à mensagem inteira do Anjo, que este mesmo tinha designado como «palavra» (ῥήμα) (1,37). Ela almeja propriamente o cumprimento desta mensagem, pois «γένοιτό

¹⁵ Cf. C. WESTERMANN, «עֲבָדָה», *THAT II*, 191; A.A. RODRÍGUEZ, «La Vocación de María a la Maternidad (Lc 1,26-38)», 172: «Assim soam nas últimas palavras de Maria os motivos que já conhecemos: a afirmação da soberania de Deus ... de seu poder ... a relação mútua de Deus com Maria e a pertença de Maria a Deus ... e, finalmente, a proteção divina, como foi assegurado na saudação do Anjo ...». F. Manzi recapitula a essência do ser-serva de Maria sob o aspecto da obediência a Deus: «Que a essência do ser serva consiste para Maria na obediência a Deus foi esclarecido ...»; F. MANZI, *La "Forma" obbedienziale*, 92. Porém, os aspectos da pertença e do estar salvo alegados em cima, que caracterizam a relação particular de Maria a Deus, não podem ser negligenciados.

¹⁶ Cf. C. WESTERMANN, «עֲבָדָה», *THAT II*, 191.

¹⁷ Cf. A.A. RODRÍGUEZ, «La Vocación de Maria a la Maternidad (Lc 1,26-38)», 172.

¹⁸ Cf. A. VALENTINI, «L'annuncio a Maria», 292-293: «... na dupla aceitação subentendida na palavra δούλη (escrava e serva) podemos sublinhar pelo menos dois aspectos: por uma parte, a humildade da Virgem perante a majestade do seu Senhor, ao qual ela declara a sua total pertença; por outra parte, a dedicação incondicional à sua missão, característica constante e típica dos servos de Deus. A tarefa da Virgem é, sem dúvida, a maternidade messiânica-divina, para a qual o Senhor a tem preparado fazendo ela a κεχαριτωμένη e assegurando-a a sua presença eficaz e amorosa».

μου) é optativo, a forma no grego, que expressa um desejo¹⁹. Maria se submete a Deus no cumprimento da sua vontade num servir obediente²⁰, mas ao mesmo tempo alegre e ansioso. A sua resposta à comunicação do Anjo é comparável à conclusão da aliança no Sinai e às várias renovações das exigências da aliança no AT²¹. Maria está ao lado de Moisés e de Davi, os quais Deus chamou, para realizar a salvação no seu povo²². Como filha de Sião, ela representa o povo inteiro de Deus²³. Ela mesma tinha recebido primeiro a ação salvífica de Deus e agora pode colaborar na ação redentora de Deus em favor do seu povo e da humanidade inteira como Mãe do Filho de Deus²⁴.

Porque Maria, no seu canto de louvor, se autodesigna mais uma vez serva, devemos lançar um olhar concluinte ao Magnificat, para completar e concluir as nossas exposições.

¹⁹ Cf. J.A. FITZMYER, *The Gospel According to Luke*, 352; I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 72. O optativo «serve para designar o desejo que pode ser realizado»; BLASS-DEBRUNNER, *Grammatik*, 311. No AT esta forma é usada muitas vezes como consentimento à vontade de Deus (cf. p.ex. Dt 27,15-26). Cf. F. MANZI, *La "Forma" obbedienziale*, 53-54; A. SERRA, «Sera del Signore», 1081: «A forma optativa «faça se em mim» (Lc 1,38: *généitó moi*) expressa felizmente a disposição interior da Santa Virgem: ela aspira a sair de si mesma para mergulhar-se totalmente nos caminhos do Senhor-Deus da aliança, que abaixou o seu olhar sobre ela». A. VALENTINI, «L'annuncio a Maria», 289: Maria «almeja (γένοιτο) que na sua vida se cumpra a Palavra de Deus em todas as suas possibilidades».

²⁰ Como «serva do Senhor» que teme a Deus Maria cumpre a lei e aprende neste modo a obedecer a Jesus Cristo. Cf. F. MANZI, *La "Forma" obbedienziale*, 85.86-88.

²¹ Cf. A. SERRA, «L'annunciazione a Maria und formulario di alleanza?», 167.170. Veja p.ex.: Ex 19,3-7 (discurso de Moisés); 19,8 (resposta do povo); Ex 24,3-7 (discurso de Moisés); 24,3.7 (resposta do povo); Js 1,1-13 (discurso de Josué); 1,16-18 (resposta do povo); cf. também Jr 42,20; Js 24,21.24; Esd 10,12; Ne 5,12; 1Mc 13,9.

²² Cf. K. STOCK, «Die Berufung Marias (Lk 1,26-38)», 487: «Segundo a maneira como Maria é apresentada, ela é colocada ao lado dos guias e profetas do povo, que foram chamados por Deus e por meio dos quais Deus tinha realizado a salvação do seu povo. O serviço da sua maternidade é equiparado a estes outros serviços».

²³ Cf. A. SERRA, «L'annunciazione a Maria un formulario di alleanza?», 171.

²⁴ Cf. A. VALENTINI, «L'annuncio a Maria», 294: «Ela se torna em algum modo a partner de Deus em relação ao Filho e a sua missão. Para isso ela é virgem e κεχαριτωμένη, bendita mais que qualquer outra criatura “com toda bênção espiritual nos céus, em Cristo” (Ef 1,3)».

VI. Maria louva a grandeza e o agir de Deus (Lc 1,46-55)

O Magnificat é o canto de louvor de Maria, no qual ela fala no início da sua própria reação ao agir de Deus nela (1,46-48a): ela relata, da sua perspectiva, como Deus tem agido nela. A seguir, ela apresenta como todas as futuras gerações reagirão à ação salvífica de Deus nela (1,48b-50); ela conclui com a perspectiva do modo sempre válido da ação de Deus no seu povo (1,51-55)²⁵.

Chama a atenção que no centro tanto das palavras de Isabel a Maria (1,42-45) quanto também do próprio Magnificat (1,46-55), estão Deus e Maria, portanto, a sua pessoa, a ação de Deus nela e a aceitação da ação de Deus. Efeito e meta da ação da graça em Maria é Jesus, o Filho de Deus. Da pessoa de Jesus, porém, se fala aqui somente indiretamente como fruto de seu ventre²⁶. Maria recebe de Isabel a grande homenagem: ser chamada «a mãe do meu Senhor» (1,43). Certamente esta dignidade não provém dela mesma, mas de seu Filho e da ação de Deus nela. Contudo se refere à da dignidade de Maria e não à dignidade de Jesus. Trata-se, portanto, em primeiro lugar, de Maria e da sua pessoa, porque ela acreditou em Deus, de modo que o Senhor podia agir nela.

Maria enaltece Deus em júbilo transbordante com todo o seu Ser²⁷, porque Deus se revelou como seu salvador e olhou para ela (1,46-48)²⁸. «Quando Deus olha para as pessoas ele não as esquece (cf. 1Sm 1,11)»[□]. O

²⁵ Cf. W. RADL, *Das Evangelium nach Lukas*, 80.

²⁶ A maternidade, na visão bíblica, parece ser, em primeiro lugar, uma aceitação: «Não sei como viestes a aparecer no meu ventre, nem fui eu quem vos deu o espírito e a vida. Também não fui eu quem deu forma aos membros de cada um de vós. Por isso, o Criador do mundo, que formou o ser humano no seu nascimento e dá origem a todas as coisas, ele, na sua misericórdia, vos restituirá o espírito e a vida» (2Mc 7,22-23). Contudo, a mãe dos irmãos macabeus também está consciente da sua contribuição ativa antes do parto: «Filho, tem compaixão de mim que por nove meses te trouxe no meu ventre» (2Mc 7,27). Todavia, o serviço maternal aumenta mais ainda depois do parto: «por três anos te amamentei, alimentei e te conduzi até esta idade, provendo sempre ao teu sustento» (2Mc 7,27).

²⁷ Cf. H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 73.

²⁸ Cf. D.L. BOCK, *Luke*, 150; J. ERNST, *Das Evangelium nach Lukas*, 85; J.A. FITZMYER, *The Gospel According to Luke*, 367; N. GELDENHUYS, *Commentary on the Gospel of Luke*, 85; J.B. GREEN, *The Gospel of Luke*, 103; W. GRUNDMANN, *Das Evangelium nach Lukas*, 64; I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 82; J. NOLLAND, *Luke*, 69; W. RADL, *Das Evangelium nach Lukas*, 81; J. SCHMID, *Das Evangelium nach Lukas*, 54; H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 73.

olhar de Deus pode julgá-los²⁹ ou, como aqui, escolher ou salvar³⁰. Maria está dominada pela certeza de que as promessas do Anjo se realizaram no seu seio. A referência à sua humildade («ταπεινώσις»), i.é., a sua posição insignificante e desconhecida até o momento presente, é um sinal da sua humildade como «serva do Senhor», que não se enaltece ou ensoberbece, mas reconhece e admira a ação de Deus nela³¹.

A repetição da sua autodesignação de 1,38 como «serva» é um sinal de que Maria, como sempre, está consciente de estar no serviço de Deus e que ela vive este serviço com alegria e dedicação. Lc 1,38 precede o agir, ao qual se refere a sua resposta; Lc 1,48 sucede o agir de Deus nela, contudo, refere-se ao mesmo agir. O fato de que, neste contexto, Maria repete a sua autodesignação e articula mais uma vez numa maneira particular a sua relação com Deus, é, portanto, completamente lógico. Ela está consciente de que Deus agiu nela, mas que ela também deu o seu consentimento livre e responsável igual a uma serva obediente perante seu Senhor. Por isso, ela anuncia em seguida que a sua exaltação, que começou

²⁹ Cf. Ex 14,24; Dt 9,27; Am 5,22; Zc 4,10; Mt 2,13; LXX Sl 32,13.14; 65,7; Eclo 23,19.

³⁰ Cf. Lv 26,9; 1Sm 9,16; 1Rs 8,28; 2Rs 13,23; 2Cr 6,19; 16,9; Jt 6,19; 13,4; Tb 3,3; 3,15; Is 66,2; Ez 36,9; Os 11,4; Lm 5,1; Dn 9,17; LXX Sl 12,4; 24,16; 68,17; 79,15; 83,10; 85,16; 101,18.20; 118,132; Eclo 11,12; 16,29; Lc 9,38. Cf. F. BOVON, *Das Evangelium nach Lukas*, 88.

³¹ Cf. H. SCHÜRMAN, *Das Lukasevangelium*, 73-74. Ao lado da sua pertença aos socialmente pobres Bovon vê na «ταπεινώσις» de Maria uma expressão da sua distância de Deus; isto, porém, não pode ser correto se recordamos o significado das palavras do Anjo em 1,28.30. Cf. F. BOVON, *Das Evangelium nach Lukas*, 88. «Humildade... descreve agora a posição da pessoa humana em geral. Isto não é humildade falsa; é a grande e pura admiração da bondade de Deus. Ela vê também a pessoa humana, que não é uma “atração turística”. Perante ela desvanece própria capacidade como própria falha»; E. SCHWEIZER, *Das Evangelium nach Lukas*, 23. Cf. D.L. BOCK, *Luke*, 150-151; J. ERNST, *Das Evangelium nach Lukas*, 85; J.A. FITZMYER, *The Gospel According to Luke*, 367; J.B. GREEN, *The Gospel of Luke*, 103. Maria «testemunha: Deus escolheu-me, a humilde, dirigindo o seu olhar para mim»; W. GRUNDMANN, *Das Evangelium nach Lukas*, 65; I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 82; J. NOLLAND, *Luke*, 69; J. SCHMID, *Das Evangelium nach Lukas*, 54. A.A. Rodríguez e outros autores veem na «humildade» de Maria pela ligação com Ana (cf. 1Sm 1,11) um indício de estar sem filhos (cf. A.A. RODRÍGUEZ, «El “Magnificat” desde la Humillación», 335-363; especialmente 336.362). Quem quer estabelecer esta ligação, deve certamente considerar que Ana era uma mulher casada, enquanto Maria é uma virgem, prometida em casamento, mas que ainda vive com os seus pais. Seu estar sem filhos deve ser avaliado de maneira totalmente diferente do estar sem filhos de Ana; por isso, nos parece que a «humildade de Maria» significa a sua posição até este momento desconhecida e insignificante.

neste momento com a glorificação através de Isabel, continuará através de todas as gerações, porque Deus fez grandes coisas nela (cf. 1,37) e a fez Mãe do Messias³². Nela se realiza a reviravolta das coisas, das quais ela fala em 1,51-53. Deus olha para a sua humildade («ταπεινώσις»), ele exaltou ela, a humilde («ὕψωσεν ταπεινούς») e fez grandes coisas nela, ele a fez Mãe do redentor (1,31), do rei-messias (1,32-33) e do Filho de Deus (1,35), de modo que ela foi exaltada pelo agir de Deus e será chamada bem-aventurada por todas as gerações³³.

«Do agradecimento para esta proeza de Deus o cântico passa adorando para o louvor da santidade do nome de Deus»³⁴. Maria reconhece atrás da ação o próprio Deus: a santidade do seu Nome e sua misericórdia eterna³⁴. Como a benevolência de Deus se refere primeiro à pessoa e só depois à missão, i.é, que para Deus a pessoa humana está no centro e a tarefa está somente em segundo lugar, assim vemos também em Maria, que ela compreende o seu ser serva primeiro como uma relação pessoal com Deus, com o qual ela está numa união íntima, através do seu agir poderoso e benigno. A realização da missão recebida vem em segundo lugar³⁵. Ambos os conceitos, «ὄνομα» como «ἔλεος», presupoem uma união entre Deus e Maria. Deus se demonstra como seu salvador na fidelidade do seu Nome santo, i.é, de si mesmo. Maria experimenta a santidade de seu salvador, vivenciando o efeito de seu amor misericordioso e respondendo a isso com dedicação e fidelidade.

Maria alarga o seu olhar para todos, «que o temem». Os tementes a Deus são os piedosos que se comportam perante Deus com reverência³⁶ e

³² Cf. W. RADL, *Das Evangelium nach Lukas*, 81; cf. H. SCHÜRMANN, *Das Lukasevangelium*, 74. «As grandes obras de Deus se referem a Maria por causa do μολι»; W. WIEFEL, *Das Evangelium nach Lukas*, 59.

³³ Cf. o uso de «ταπεινός» e «ταπεινώω» (Lc 3,5; 14,11; 18,14) como «ὕψωω» (Lc 10,15; 14,11; 18,14; At 2,33; 5,31; 13,17) em Lucas.

³⁴ Cf. F. BOVON, *Das Evangelium nach Lukas*, 89. «ἔλεος como tradução de ἁγιότης não significa uma característica de Deus, mas seu comportamento, sua benigna e fiel ação salvífica»; H. SCHÜRMANN, *Das Lukasevangelium*, 75, nota de roda-pé 229; D.L. BOCK, *Luke*, 152.

³⁵ Neste contexto, não se pode ignorar que Maria, exatamente por causa da sua maternidade, está numa união incomparável com Deus e Jesus. A sua missão é exatamente esta relação íntima com Deus, como de resto ninguém no AT ou NT tem recebido.

³⁶ Cf. J. ERNST, *Das Evangelium nach Lukas*, 86; J.A. FITZMYER, *The Gospel According to Luke*, 368; N. GELDENHUYS, *Commentary on the Gospel of Luke*, 85; W. GRUNDMANN,

que por isso podem experimentar a sua misericórdia³⁷. Em seguida, a sua visão se dirige à inteira história da salvação: são nomeados Israel (1,54), Abraão e sua descendência (1,55), e o olhar se dirige até o futuro mais remoto, a todas as gerações (1,48.50.55).

Como a história de Deus com o povo Israel, a antiga aliança, inicia com a vocação de Abraão, assim começa a nova aliança, a história de Deus com o novo povo de Israel, com a vocação de Maria. Abraão e Maria, ambos têm fé em Deus e são, por isso, disponíveis para a ação de Deus. Por Abraão Deus começa reunir e conduzir o seu povo, por Maria ele oferece a seu povo e à humanidade inteira o seu Filho, que traz a revelação definitiva de Deus e chama todos os homens para a vida eterna com Deus. Na chegada do Messias a «aceitação» de Israel e, com isso, a fidelidade de aliança de Deus encontra seu ápice e sua conclusão. A esperança de Israel se cumpriu, Deus se lembrou das suas promessas aos patriarcas e a Abraão.³⁸

«O grande contexto, no qual se encontra Maria, é a ação salvífica de Deus para a sua criatura, a pessoa humana. Nisto, Deus utiliza pessoas humanas, que ele escolhe e capacita para o serviço em favor do seu povo»³⁹. Maria podia colaborar ativamente na história salvífica como Mãe do Messias. Por isso, neste contexto, ela se autodesigna mais uma vez serva (1,48). Deus se dedica a Maria em misericórdia e amor. Ela é portadora desta ação, Deus age nela e através dela. «Deste modo ela se torna a serva do Senhor e se coloca ao lado dos servos do Senhor, os quais ela excede por causa da grandeza da sua missão e da sua singular relação com Deus. Por causa da sua missão única ela possui um lugar único na história da salvação»⁴⁰.

Maria está consciente que a sua capacitação para este serviço vem unicamente de Deus, por isso, ela salienta a sua própria humildade

Das Evangelium nach Lukas, 65; J. NOLLAND, *Luke*, 71; H. SCHÜRMANN, *Das Lukasevangelium*, 75.

³⁷ Cf. LXX Jt 16,15; Sl 30,20; 33,10; 59,6; 60,6; 110,5; 146,11; Ecl 8,12; Eclo 15,13; Mt 3,16.20.

³⁸ Cf. D.L. BOCK, *Luke*, 160; J. ERNST, *Das Evangelium nach Lukas*, 87-88; J.A. FITZMYER, *The Gospel According to Luke*, 368-369; W. GRUNDMANN, *Das Evangelium nach Lukas*, 66; I.H. MARSHALL, *The Gospel of Luke*, 85; J. NOLLAND, *Luke*, 73; H. SCHÜRMANN, *Das Lukasevangelium*, 77.

³⁹ K. STOCK, «Von Gott berufen und von den Menschen seliggepriesen», 63.

⁴⁰ *Ibid.*, 59.

(ταπεινώσις). Mas ela sabe também que o Poderoso fez grandes coisas nela, por isso ela realmente pode ser chamada bem-aventurada até o fim dos tempos.

Conclusão

A meta deste trabalho foi apresentar e esclarecer o significado e o sentido da resposta de Maria «ἰδοὺ ἡ δούλη κυρίου» (Lc 1,38). Para poder fazer afirmações realmente fundadas sobre esta autodesignação, temos pesquisado nos primeiros dois capítulos o fundo antigo e novotestamentário desta afirmação.

Nisto, temos visto que as palavras «δούλη» e «δοῦλος» como os equivalentes correspondentes significam uma relação com uma outra pessoa ou coisa ou característica e indicam uma dependência e submissão voluntária ou involuntária. Podem, por isso, ser usados de maneira muito variada. Concentramos o nosso estudo ao uso de «δούλη» e «δοῦλος» como autodesignação perante Deus e Jesus Cristo no singular e fora de orações de petição, porque em Lc 1,38 é usado neste sentido. Agora podemos recapitular o resultado das nossas exposições.

I. A vocação de Maria

Para poder avaliar Lc 1,26-38 corretamente, deve-se considerar que este texto se trata de uma mistura de vários gêneros literários. Os tipos predominantes e determinantes são o esquema de vocação e de anunciação.

Que se trata neste texto não somente de uma anunciação de um nascimento, mas de uma vocação, surge da comparação com Jz 6,11-24 e outros textos de vocação no AT.

A denominação de Maria como «κεχαριτωμένη» deve-se compreender como nome novo e adicional de Maria, que expressa a relação particular de Deus para com Maria. A confirmação «o Senhor é contigo» significa a garantia do particular auxílio divino numa missão determinada. O particípio «κεχαριτωμένη» encontra a sua correspondência em «ἔδρες γὰρ χάριν παρὰ τῷ θεῷ». Esta expressão não aparece em anúncios de nascimentos no Antigo Testamento, mas significa sempre uma eleição para

um serviço particular (cf. p.ex.: Gn 6,8; 39,4; Ex 33,12ff.; 1Sm 16,22; 27,5; 2Sm 15,25; Est 2,17).

O anúncio da missão da maternidade (Lc 1,31) é completado pela referência à ação de Deus (Lc 1,35-37) e concluído pela anuência e pelo consentimento de Maria, com a sua autodesignação como «serva do Senhor» (Lc 1,38). Deus quer uma colaboração de Maria no seu próprio agir divino. Com isso, Maria entra na linha das personalidades, às quais Deus confiou uma missão particular e, por meio da colaboração deles, ele mesmo quis atuar para a salvação do seu povo. Aqueles que se designam como servos de Deus (ou de Cristo no NT), não porque esperam humildemente o cumprimento de uma súplica, mas porque estão conscientes de que foram chamados e escolhidos numa maneira bem especial para o serviço de Deus (ou de Cristo no NT), são no AT Moisés, Samuel, Davi e o servo de Deus⁴¹, no NT Simeão, Paulo, Tiago, Pedro, Judas e João.

II. A colaboração ativa na obra salvífica de Deus

Nas personalidades, que se autodesignam servos de Deus, podemos verificar respectivamente uma participação ativa na realização de uma missão particular no povo de Deus. Eles não são somente instrumentos passivos, que são utilizados, mas Deus lhes confere a capacidade de realizar a tarefa e exige, de acordo com isso, uma colaboração ativa e responsável. A realização da missão acontece na colaboração entre Deus e o seu servo.

1. O serviço de Moisés

Deus mesmo viu a opressão do seu povo no Egito e ouviu o seu grito de aflição. Ele conhece, pois, os seus sofrimentos. Por isso ele desceu, para libertá-los das mãos dos egípcios e fazê-los sair desse país para uma terra boa e espaçosa (cf. Ex 3,7-8). Para realizar esse plano, ele envia Moisés ao faraó: «Faça sair o meu povo, os israelitas, do Egito» (Ex 3,10). Deus promete sempre de novo a sua assistência e o seu auxílio poderoso

⁴¹ Temos visto que em Is 49,3.5 se trata somente de uma autodesignação indireta, porque o texto fala da ação de Deus: «Disse-me: O meu servo és tu, Israel, é em ti que vou brilhar. ... E agora o Senhor vai falar, ele, que desde o útero me vem formando para que eu seja seu servo...» (Is 49,3.5). O profeta Jonas se chama a si mesmo «servo de Deus» («δοῦλος κυρίου ἐγώ εἰμι»; Jn 1,9 LXX) como temente de Deus («καὶ τὸν κύριον θεὸν τοῦ οὐρανοῦ ἐγὼ σέβομαι») na fuga da sua vocação.

(cf. Ex 3,12.17.20.21; 4,12.15), mas Moisés tem que fazer também a sua contribuição e ir ele mesmo ao Egito (cf. Ex 4,20). Ao mesmo tempo, os milagres durante o êxodo permanecem unicamente a obra de Deus (cf. Ex 19,4).

Na conclusão da aliança, Moisés é o mediador entre Deus e o povo (cf. Ex 19,7-9.19-21; 20,19; 24,8). É a missão de Moisés instruir o povo nas leis de Deus (cf. Ex 24,12).

Os mandamentos são as palavras de Deus (cf. Ex 34,1), mas Moisés tem que anotá-los e, por causa destas palavras, Deus conclui uma aliança com ele e com Israel (cf. Ex 34,27-28). Enfim, Moisés entrega os mandamentos ao povo (cf. Ex 34,32). É a lei de Deus, mas, por causa da participação e mediação de Moisés, no AT como no NT repetidas vezes é falado da lei de Moisés⁴² ou daquilo que Moisés ordenou⁴³.

Mas Moisés não é somente mediador entre Deus e o povo na conclusão da aliança. Ele se oferece a si mesmo como resgate para a salvação do seu povo. Depois de o povo no Sinai ter adorado o bezerro de ouro, Deus quis destruir o seu povo (cf. Ex 32,10). Moisés, pelo contrário, implora a Deus e intercede junto dele pelos seus irmãos e irmãs que pecaram. Enfim, ele alcança, pela sua intercessão, que Deus desista do mal com que havia ameaçado o seu povo (cf. Ex 32,11-14).

Esse debate de Moisés com Deus lembra a conversa de Abraão com «seu Senhor», na qual ele intercede pela salvação de Sodoma e Gomorra (cf. Gn 18,16-33) e o mostra como intercessor e mediador entre Deus e o seu povo. A sua mediação culmina na oferta entregar-se a si mesmo em substituição como expiação para o seu povo (Ex 32,31-32).

2. O serviço de Davi e do servo de Deus

Davi foi escolhido por Deus para ser Rei e com a ajuda de Deus ele conseguiu unir e consolidar o reino de Israel (cf. 2Sm 2,1; 5,12). Deus promete a permanência eterna da casa de Davi ao filho do rei (cf. 2Sm 7,12). A realização deste plano de Deus não acontece automaticamente, mas exige a participação e iniciativa de Davi. Ainda na sua velhice Davi

⁴² Cf. p.ex. 2Rs 14,6; 23,25; 2Cr 23,18; 30,16; Ne 8,1; Ml 3,22; Lc 24,44; Jo 1,17.45; 7,19.23.

⁴³ Cf. p.ex. 2Cr 8,13; 24,6.9; Mt 8,4; 19,7; 22,24; Mc 1,44; 7,10; 10,3; Lc 5,14; 20,28; Jo 8,5.

cuida para que Salomão, contra as intrigas de Adonia, seja ungido Rei (cf. 1Rs 1,1-39).

Também o servo de Deus fala da ação de Deus nele, pela qual ele foi formado para ser instrumento dele: «Fez de minha língua uma espada afiada que ao alcance da mão ele guardou, fez de mim uma seta pontiaguda e em sua aljava me escondeu» (Is 49,2). As imagens usadas da espada e da seta indicam a colaboração ativa do servo de Deus. É Deus que faz da sua boca uma espada e dele uma seta aguda, mas é a espada que corta e a seta que penetra.

Como com Moisés, encontramos também com Davi (2Sm 24,17) a atitude da expiação substitutiva. Ao lado do cumprimento do seu serviço como rei, mediador e guia, ambos se oferecem ao Senhor também como sacrifício em favor do povo. A missão do servo de Deus é pensada primeiro pela salvação do povo de Israel (Is 49,5), antes que Deus a estenda ao mundo inteiro (Is 49,6). Nesta missão, também o servo de Deus assume, em substituição, os pecados do povo (Is 53,4).

3. O serviço de Paulo

No segundo capítulo, temos constatado que no NT a autodesignação servo de Deus fica cada vez mais em segundo plano e predomina a autodesignação servo de Cristo. Maria e Simeão estão na passagem do AT ao NT. Tt 1,1 ocupa um lugar particular. No AT ainda não existia Jesus Cristo como mediador. No NT, por meio da mediação de Jesus, as pessoas são relacionadas com Deus. O mediador e revelador, em cujo serviço se encontram os apóstolos, é Jesus Cristo, que veio neste mundo por meio de Maria.

Paulo é instrumento escolhido de Cristo: ele deve levar o seu nome às nações pagãs e aos reis e também aos israelitas (cf. At 9,15.17). Segundo esta sua missão, Paulo anuncia o evangelho e o defende, oportuna ou inoportunamente; ele convence, repreende, exorta, com toda a paciência e com a preocupação de ensinar (cf. 2Tm 4,2). Parte da sua missão é também a sua oração com e em favor da comunidade e os seus sofrimentos e prisões pelos quais ele se responsabiliza no serviço da palavra (cf. Fl 1,3-14; 2Cor 6,4-10; 11,23-29). Ele faz isso para agradar a Deus, não aos homens, pois senão não seria servo de Cristo (cf. Gl 1,10). Como Moisés e Davi também Paulo está disposto a fazer expiação substitutiva em favor do seu povo (cf. Rm 9,3). Paulo cumpriu fielmente os aspectos

diferentes da sua missão até o final: «Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé» (2Tm 4,7).

4. O serviço de Maria

Maria recebe a missão prevista por Deus para ela pelo Anjo: «Conceberás e darás à luz um filho, e lhe porás o nome de Jesus » (Lc 1,31). Para este serviço da maternidade, Maria foi preparada pela graça (κεχαριτωμένη), lhe foi assegurado o auxílio de Deus (ὁ κύριος μετὰ σοῦ) e o Espírito Santo deveria realizar o milagre do começo da vida do Filho de Deus (cf. Lc 1,35). O Filho será chamado santo e Filho de Deus. É, porém, ao mesmo tempo, o fruto do ventre de Maria (cf. Lc 1,42). Esta palavra de Isabel indica a contribuição ativa, que Maria presta na realização do plano divino como Mãe do Redentor (1,31), do Messias-Rei (1,32-33) e do Filho de Deus (1,35).

Como Mãe, ela presta a seu filho todos os serviços, que são imagináveis no contexto de uma gestação, nascimento e educação e que resultam da relação íntima entre mãe e filho.

Ainda antes do parto, ela levou Jesus para Isabel (cf. Lc 1,39-44). Uma vez que o seu filho é o salvador e Messias, como foi anunciado aos pastores na noite santa pelo Anjo (cf. Lc 2,11), ela conseguiu transmitir, através da sua visita, alegria e graça (cf. Lc 1,41). Isabel realça expressamente que o efeito da graça nela e no seu filho foi causado pela saudação de Maria: «Logo que a tua saudação ressoou nos meus ouvidos, o menino pulou de alegria no meu ventre» (Lc 1,44). Podemos ver neste acontecimento, graças à mediação de Maria, o cumprimento da palavra do Anjo a Zacarias: «Desde o ventre da mãe, ficará cheio do Espírito Santo» (Lc 1,15).

No parto, Maria mesmo prestava ao recém-nascido os primeiros serviços de amor materno: «Ela deu à luz o seu filho primogênito, envolveu-o em faixas e deitou-o numa manjedoura, porque não havia lugar para eles na hospedaria» (Lc 2,7).

Ela estava sempre junto de seu filho, de modo que os pastores, procurando a criança, também encontraram Maria: Os pastores «encontraram Maria e José, e o recém-nascido deitado na manjedoura» (Lc 2,16).

Maria cumpriu a lei em todos os detalhes que diziam respeito a ela e seu filho: circuncisão e conferimento do nome (cf. Lc 2,21), purificação da mãe e apresentação da criança no templo (Lc 2,22-24). Lucas acentua expressamente: «Depois de cumprirem tudo conforme a Lei do Senhor, eles voltaram para Nazaré, sua cidade, na Galiléia» (Lc 2,39). Maria e

José cumpriram a lei não somente no contexto do nascimento, mas eles iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa, como de costume (cf. Lc 2,41-42).

Maria cuidava do crescimento e da educação de seu filho (cf. Lc 2,40.51) e o procurava com maternal amor e preocupação quando ele permanecia no templo em Jerusalém (cf. Lc 2,44-45.48).

Através da sua fé (cf. Lc 1,45), Maria contribuiu como Mãe para a realização do plano de Deus (cf. Lc 1,31.32-33.35). Por sua obediência fiel, o nascimento do Messias podia acontecer em Belém, como foi anunciado pelos profetas (Mq 5,1; cf. Lc 1,2.4-7). Maria alimentava esta fé, porque conservava todos os acontecimentos e palavras meditando-as no seu coração (cf. Lc 2,19.51; 11,28). Na fé, ela admirava Jesus (cf. Lc 2,33.47). A sua fé foi provada, quando não podia compreender as palavras e a conduta de Jesus (cf. Lc 2,50).

Na fé, ela recebeu a profecia de Simeão (Lc 2,34-35) e esperava a redenção de Israel (cf. Lc 2,38). Nesta fé, ela adorava Deus em gratidão por aquilo que ele tem feito para ela e para o seu povo (cf. Lc 1,46-55).

A espada anunciada por Simeão, que devia traspasar a sua alma (2,35) e que significou evidentemente dor e sofrimento, podemos compreender como uma referência ao seu serviço como Mãe do Redentor e, com isso, a sua participação expiatória na obra salvífica de seu filho. Ela realizou o seu empenho a este respeito no sacrifício do escondimento e do retirar-se.

Durante a vida pública de Jesus, Maria viveu totalmente retirado. Lucas não transmite, depois da história da infância, em 1-2 fora de 8,20, nenhuma outra atividade de Maria. Ela foi uma discípula fiel de Jesus, que ouviu a sua palavra e a pôs em prática, de modo que foi, também neste sentido, sua mãe (cf. Lc 8,21). Por isso ela é bem-aventurada (cf. Lc 1,45; 11,28).

Ao seu serviço pertenceu também o retirar-se totalmente. Apesar de o seu filho ser Rei (cf. Lc 1,32-33; 23,3.38) e ela, portanto, a Mãe do Rei, esta posição particular, como a encontramos no AT (1Rs 2,19-20; 15,13), não aparece exteriormente. Nisto ela se assemelha a seu filho, que esconde também a sua dignidade real.

III. Familiaridade com Deus

Ao lado da utilização e participação ativa num serviço particular de Deus e na ação de Deus a favor do seu povo, encontramos, nas pessoas que se autodesignam servos de Deus em conexão com um serviço, ainda

a característica de uma particular familiaridade com Deus. A sua proximidade com Deus e a consciência da pertença ao Senhor, o estar salvo nele, cunha o comportamento delas e a sua maneira de agir e as distingue das outras pessoas.

1. Moisés e outros servos de Deus

Deus confiou a Moisés a sua casa inteira e fala com ele face a face, não em enigmas como com os outros profetas (cf. Nm 12,6-8). Deus está sempre com ele (cf. Ex 3,12), pois Moisés encontrou graça diante dele (cf. Ex 33,13). Também a Davi Deus prometeu a sua assistência (cf. 2Sm 7,3.9), pois também ele encontrou graça diante de Deus (cf. At 7,46). A sua proximidade com Deus se manifesta na sua oração (cf. 2Sm 7,18-29). A familiaridade entre Deus e o servo de Deus se revela pelo que Deus já chamou o seu nome, estando ele ainda no seio de sua mãe (cf. Is 49,1). Ele o protegeu na sombra de sua mão e o servo espera somente dele a sua recompensa (cf. Is 49,2.4).

2. Paulo

Uma vez que Paulo se autodesigna servo de Deus e de Jesus Cristo, devemos distinguir nele entre a sua relação com Deus e com Jesus Cristo.

a) A relação de Paulo a Deus

Paulo está consciente que ele age na missão de Deus (cf. Tt 1,1) e, segundo a vontade de Deus, (cf. 2Tm 1,1). Deus é a origem do seu serviço (cf. 2Cor 6,4), dele vem a sua autoridade, por Deus Pai e por Jesus Cristo ele foi chamado a ser apóstolo (cf. Gl 1,1). Ainda que ele esteja no serviço de Jesus Cristo, ele anuncia o evangelho de Deus (cf. Rm 1,1), com o qual ele vive numa relação familiar. Pois Deus, o Pai, é para ele o pai das misericórdias, o Deus de toda a consolação (cf. 2Cor 1,3) e o Deus da paciência (cf. Rm 15,5). Grandiosa é para ele a experiência, em que Deus provou o seu amor para conosco pelo fato de que Cristo morreu por nós, sendo nós ainda pecadores (cf. Rm 5,8).

b) A relação de Paulo com Jesus Cristo

Paulo também se sabe amado por Cristo, que se entregou por ele (cf. Gl 2,20). Por isso, Cristo é, para ele, a vida e morrer lucro, porque ele suspira por partir para estar com Cristo (cf. Fl 1,21.23). O amor a Cristo o impele a anunciar o evangelho (cf. 2Cor 5,14). Cristo é seu modelo

(cf. 1Cor 11,1) e ele se tornou semelhante a ele por muitos sofrimentos e perseguições (cf. 1Cor 4,10-13), por isso, ele merece, mais que todos os outros, ser chamado servo de Cristo (cf. 2Cor 11,23). Como servo de Cristo, ele é administrador de mistérios de Deus (cf. 1Cor 4,1). A capacitação para este serviço ele não recebeu de si mesmo, mas de Deus (cf. 1Cor 15,10).

3. Maria

Também com Maria devemos distinguir entre a sua relação para com Deus e a relação para com o seu filho.

a) A relação de Maria para com Deus

A familiaridade de Maria com Deus se baseia na sua graça e sua particular proximidade de Deus (cf. Lc 1,28), pois ela encontrou graça diante de Deus (cf. Lc 1,30). Ela expressa a sua entrega adorante através da sua humilde aceitação da missão, na qual ela manifesta também o seu desejo de que nela se cumpra a vontade de Deus (cf. Lc 1,38). Deus é seu salvador (cf. Lc 1,47), ele é santo e fez grandes coisas com ela (cf. Lc 1,49). Ela o engrandece por causa da sua misericórdia (cf. Lc 1,50.54) e sua fidelidade (cf. Lc 1,55). Ela lhe serve no cumprimento obediente da lei (cf. Lc 2,22-24.27.39.41-42).

b) A relação de Maria com o seu Filho

Maria manifesta a proximidade de seu Filho nos seus serviços maternais no nascimento (cf. Lc 2,7.16) e na sua vida familiar em Nazaré (cf. Lc 2,40.51). A sua procura dolorosa revela o seu maternal cuidado e amor (cf. Lc 2,44-45.48). A profecia de Simeão indica a sua comunhão estreita com o destino de seu Filho (cf. Lc 2,34-35). Maria nem sempre pode compreender Jesus (cf. Lc 2,48-50), mas ela conserva todos os acontecimentos e particularmente também suas palavras no seu coração (cf. Lc 2,19.51; 8,21; 11,28), de modo que nisto ela é um modelo para todos os discípulos de Cristo.

IV. A singularidade da resposta de Maria

Em todas estas considerações, temos evidenciado os pontos comuns e semelhanças entre Maria e os outros servos de Deus na Sagrada Escritura, e temos visto que Maria está na linha de umas poucas persona-

lidades do AT e NT. Isto já manifesta uma posição particular de Maria. Mas isto ainda não é suficiente e, por isso, devemos, no fim, constatar e realçar o resultado do nosso estudo: a singularidade e, por isso também, a particularidade sem par da resposta de Maria em Lc 1,38 na Sagrada Escritura. À singularidade da resposta de Maria corresponde também a singularidade da sua missão.

Nenhuma mulher na Sagrada Escritura se autodesigna perante Deus «serva do Senhor» na aceitação de uma missão. Nenhuma das mães responde a um anúncio de um nascimento com um consentimento ou com a autodesignação «serva» (cf. Gn 16,7-14; 17,15-22; 18,9-15; Jz 13,2-23). Ana (1Sm 1,11) e Ester (Est 4,17) se autodesignam servas nas suas súplicas pelo auxílio de Deus e exprimem, com isso, a sua submissão e reverência, junto com a esperança de as suas súplicas serem atendidas numa situação sem esperança. Porém, com elas não se trata de uma aceitação de uma missão. Maria leva como única a designação «serva do Senhor».

Além disso, em nenhum dos filhos anunciados se trata do próprio Filho de Deus. A maternidade de Maria é, por conseguinte, extraordinária e única, porque ela deve dar à luz não um profeta ou algum salvador, mas o «Filho do Altíssimo» e «Filho de Deus». Com isso, a vocação de Maria excede todas as missões e serviços anteriores.

Nem entre os homens se encontra nenhum que tivesse respondido a uma missão de Deus desta maneira. As diversas autodesignações no NT «servo de Deus e de Jesus Cristo» referem-se, respectivamente, à missão e atividade salvíficas das pessoas em questão; mostram a consciência das referidas pessoas, que estão no serviço de Deus, que cumprem a sua missão e agem em seu Nome, mas elas não são uma resposta direta a uma vocação.

No AT, Moisés se autodesigna «servo de Deus» no contexto da sua vocação. Não, porém, como aceitação da missão, mas como expressão da humildade na explicação da sua incapacidade de aceitar a missão (Ex 4,10).

Samuel responde ao chamamento de Deus «Fala, pois teu servo escuta» (1Sm 3,10). Mas isto não é uma aceitação de uma missão, mas sinal da sua disponibilidade de escutar a palavra de Deus, que ainda não lhe confiara nenhuma missão.

Davi responde à promessa da duração eterna da sua realeza e ao anúncio do Messias com a sua total disponibilidade para o plano de Deus: «Agora, Senhor Deus, cumpre para sempre a promessa que fizeste ao

teu servo e à sua casa. Faze como disseste» (2Sm 7,25). Nesta promessa, porém, não se trata de uma missão direta para ele, mas da realização do plano salvífico de Deus, para o qual Davi pessoalmente não poderá mais contribuir diretamente. Ele já contribuiu a sua parte, agora a sua missão chegou ao fim.

O servo de Deus fala da sua vocação como serviço de servo, pois Deus mesmo o fez seu servo já dentro do ventre materno (Is 49,5). Neste sentido, não se trata de uma autodesignação direta, mas de uma afirmação sobre o agir de Deus no seu servo, a fim de que este se torne capaz de cumprir a missão de Deus.

Com a sua resposta, Maria consente à sua vocação à maternidade e se declara disposta a cumprir a sua missão inteiramente. O seu filho é o Messias, o Filho de Deus no trono de Davi (cf. Lc 1,32). Portanto, o seu cuidado maternal significa colaborar para que o plano salvífico de Deus e a obra da redenção se possam realizar e concluir e seu filho possa reinar sobre a casa de Jacó eternamente.

Diferentemente de todos os outros servos de Deus que contribuem na ação de Deus a favor do seu povo, o serviço de Maria se refere *diretamente* ao Filho de Deus e somente *indiretamente* ao povo de Deus. Sobretudo por isso o seu serviço se distingue de todos os outros serviços, que pessoas humanas alguma vez receberam de Deus. Nenhuma outra pessoa foi chamada a tal proximidade e familiaridade com DEUS e o Filho de Deus.

À singularidade do chamado (κεχαριτωμένη) corresponde a singularidade da vocação (Mãe do Filho de Deus), a singularidade da resposta (Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra) e a singularidade da posição de Maria (Eis, a partir de agora, todas as gerações me proclamam bem-aventurada). Por causa da sua maternidade singular, a Maria pertence uma posição de prioridade no plano salvífico de Deus, que se manifesta no seu trato íntimo e familiar com Deus e o Filho de Deus, bem como na sua colaboração ativa e direta no seu plano salvífico.

Através da sua autodesignação «serva do Senhor» Maria se dispõe a Deus para a sua participação ativa e direta na obra da salvação. Ela consente ao seu plano e deseja (γένουιτό μοι), ser utilizado por Ele para a salvação do seu povo. Jesus é o único mediador (1 Tm 2,5) e redentor (Lc 2,11). Maria, porém, preparada e dignificada pela graça (κεχαριτωμένη), participa nesta obra ativamente e numa maneira singular (ὁ κύριος μετὰ σοῦ), pois Jesus é o Filho de Deus (1,35), mas também o filho de Maria (1,31).

Paulus Seeanner ORC

Bibliografia

1. Edições de texto e traduções

- Biblia Hebraica Stuttgartensia, ed. por K. Elliger e W. Rudolph, Stuttgart ⁵1997.
- Novum Testamentum Graece, ed. por B. Nestle e K. Aland, J. Karavidopoulos, C.M. Martini, B.M. Metzger, Stuttgart ²⁷2001.
- Septuaginta, ed. por A. Rahlfs, Stuttgart ³1935.
- Septuaginta Deutsch, Das griechische Alte Testament in deutscher Übersetzung, ed. por W. Kraus e M. Karrer, Stuttgart 2009.
- Biblia Sagrada. Tradução da CNBB, Edições CNBB, Editora Canção Nova, Décima Edição, São Paulo 2010.

2. Subsídios de trabalho

- BACHMANN, H., SLABY, W.A., *Computer-Konkordanz zum Novum Testamentum Graece*, von Nestle-Aland, 26. Auflage und zum Greek New Testament, 3rd Edition, Berlin – New York 1980.
- BALZ, H., - SCHNEIDER, G., Hg., *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band I-III, Stuttgart – Berlin – Köln 1980, 1983, ²1992.
- BAUER, W., *Griechisch-deutsches Wörterbuch zu den Schriften des Neuen Testaments und der frühchristlichen Literatur*, hg. von K. Aland und B. Aland, Berlin – New York, ⁶1988.
- BLASS, F., - DEBRUNNER, A., *Grammatik des neutestamentlichen Griechisch*, bearbeitet von F. Rehkopf, Göttingen ¹⁸2001.
- BOTTERWECK, G.J., - RINGGREN, H., Hg., *Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament*, Band I-X, Stuttgart – Berlin – Köln – Mainz 1973-2000.
- COENEN, L., - HAACKER, K., Hg., *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*, Wuppertal – Neukirchen, 1. Sonderauflage 2005.
- FRISK, H., *Griechisches Etymologisches Wörterbuch*, Band I: A – Ko, Heidelberg 1960.
- FRISK, H., *Griechisches Etymologisches Wörterbuch*, Band II: Kr – O, Heidelberg 1970.
- HATCH, E., REDPATH, H.A., *A Concordance to the Septuagint*, Grand Rapids ²1998.

- JENNI, E., - WESTERMANN, C., Hg., *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, Band I, München – Zürich 1971, ³1978.
- JENNI, E., - WESTERMANN, C., Hg., *Theologisches Handwörterbuch zum Alten Testament*, Band II, München – Zürich 1976.
- KITTEL, G., Hg., *Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, Band I-X, Stuttgart – Berlin – Köln – Mainz 1933-1979.
- KOEHLER, L., - BAUMGARTNER, W., Hg., *Hebräisches und Aramäisches Lexikon zum Alten Testament*, Leiden ³1967.
- LAMPE, G.W., *A Patristic Greek Lexicon*, Oxford 1961.
- LIDDELL, H.G., - SCOTT, R., *A Greek English Lexicon*, Oxford, 1996.
- LUST, J., EYNIKEL E., HAUSPIE K., *Greek – English Lexicon of the Septuagint*, Stuttgart 2003.
- METZGER, B.M., *A Textual Commentary on the Greek New Testament*, Stuttgart ²1994, 2001 (4. Nachdruck).
- MONTANARI, F., *Vocabolario della lingua greca*, Pioltello ²2004.
- ROCCI, L., *Vocabolario Greco – Italiano*, Castello ¹⁶1963.
- ZERWICK, M., *Graecitas Biblica Novi Testamenti exemplis illustratur*, Romae ⁵1966.
- ZORELL, F., *Lexicon Graecum Novi Testamenti*, Romae ³1978.

3. Comentários sobre Lucas

- BOCK, D.L., *Luke I, 1-IX, 50*, Baker Exegetical Commentary on the New Testament, 3a, Grand Rapids 1994.
- BOVON, F., *Das Evangelium nach Lukas*, 1. Teilband Lk 1, 1-9, 50, EKKNT III/1, Düsseldorf – Zürich – Neukirchen-Vluyn 1989, 1996, 2001.
- BROWN, R.E., *The Birth of the Messiah*, New York 1993.
- DILLERSBERGER, J., *Lukas, Das Evangelium des Lukas in theologischer und heilsgeschichtlicher Schau*, 1. Band, Salzburg 1939.
- ERNST, J., *Das Evangelium nach Lukas*, RNT, Regensburg ⁴1976.
- FITZMYER, J.A., *The Gospel According to Luke (I-IX)*, AncB 28, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1981.
- GELDENHUYS, N., *Commentary on the Gospel of Luke*, Grand Rapids 1993.

- GREEN, J.B., *The Gospel of Luke*, The New International Commentary on the New Testament, Grand Rapids – Cambridge 1997.
- GRUNDMANN, W., *Das Evangelium nach Lukas*, ThHKNT, Berlin ⁶1971.
- KREMER, J., *Lukasevangelium*, Die Neue Echter Bibel, Band 3, Würzburg ³2000.
- MARSHALL, I.H., *The Gospel of Luke*, A Commentary on the Greek Text, Exeter 1978.
- MEYNET, R., *Il Vangelo secondo Luca*, Roma 1994.
- NEIRYNCK, F., *L'Évangile de Noël selon S. Luc*, Paris 1960.
- NOLLAND, L., *Luke 1-9:20*, WBC 35A, Dallas 1989.
- RADL, W., *Das Evangelium nach Lukas*, Erster Teil: 1,1-9,50, Freiburg – Basel – Wien 2003.
- RIENECKER, F., *Das Evangelium des Lukas*, Wuppertaler Studienbibel 43, Wuppertal ¹³2000.
- SABOURIN, L., *Il Vangelo di Luca*, Introduzione e commento, Roma, 1989.
- SCHMID, J., *Das Evangelium nach Lukas*, Regensburger Neues Testament, Regensburg 1960.
- SCHÜRMMANN, H., *Das Lukasevangelium*, 1. Teil, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1969.
- SCHWEIZER, E., *Das Evangelium nach Lukas*, NTD 3, Göttingen 1982¹⁸.
- WIEFEL, W., *Das Evangelium nach Lukas*, ThHKNT, Berlin 1988.

4. Outros comentários

- ALLEN, L.C., *Psalms 101-150*, WBC 21, Waco 1983.
- , *The books of Joel, Obadiah, Jonah, and Micah*, Grand Rapids 1976.
- ANDERSON, A.A., *2 Samuel*, WBC 11, Waco 1989.
- ARNOLD, B.T., *Genesis*, New York 2009.
- AUNE, D.E., *Revelation 1-5*, WBC 52, Dallas 1997.
- , *Revelation 6-16*, WBC 52b, Dallas 1998.
- , *Revelation 17-22*, WBC 52c, Dallas 1998.
- BARBAGLIO, G., *La Prima Lettera ai Corinzi*, Scritti delle origini cristiane 16, Bologna 1996.

- BARNETT, P., *The Second Epistle to the Corinthians*, Grand Rapids – Cambridge 1997.
- BARTH, M., *Ephesians 1-3*, AncB 34, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1974.
- BAUCKHAM, R.J., *Jude, 2 Peter*, WBC 50, Dallas 1983.
- BEASLEY-Murray, G. R., *John*, WBC 36, Dallas, 1987.
- BERGES, U., *Jesaja 40-48*, HThKAT, Freiburg – Basel - Wien 2008.
- BERNINI, G., *Aggeo – Zaccaria – Malachia*, Versione – Introduzione – Note, Volume 32, Roma 1973.
- BLENKINSOPP, J., *Isaiah 40-55*, AncB 19a, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 2002.
- BOLING, R.G., *Joshua*, AncB 6, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1982.
- BORING, M.E., *Apocalisse di Giovanni*, traduzione de Franco Ronchi, Torino 2008.
- BÄRUMER, H., *Das zweite Buch Mose*, 1. Teil, Kapitel 1-18, Wuppertaler Studienbibel 4, Wuppertal ³2002.
- BRAUN, R., *1 Chronicles*, WBC 14, Waco 1986.
- BRUCE, F.F., *The Epistles to the Colossians, to Philemon, and to the Ephesians*, Grand Rapids 1984.
- BUDD, P.J., *Numbers*, WBC 5, Waco 1984.
- BUSCH, F.W., *Ruth, Esther*, WBC 9, Dallas 1996.
- BUTLER, T.C., *Joshua*, WBC 7, Waco 1984.
- CHILDS, B.S., *Isaiah*, Louisville 2001.
- CHRISTENSEN, D.L., *Deuteronomy 1-11*, WBC 6a, Waco 1991.
- COLUNGA, A. - CORDERO, M.G., *Biblia Comentada I, Pentateuco*, BAC, Madrid 1967.
- CONZELMANN, H., *Die Apostelgeschichte*, Tübingen 1963.
- CRAIGIE, P.C., *Psalms 1-50*, WBC 19, Waco 1983.
- CRENSHAW, J.L., *Joel*, New York 1995.
- DAHOOD, M., *Psalms 11-50*, AncB 16, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1966.

- , *Psalms III 101-150*, AncB 18, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1970.
- DUNN, J.D.G., *Romans 1-8*, WBC 38a, Dallas 1988.
- DURHAM, J.I., *Exodus*, WBC 3, Waco 1987.
- FABRIS, R., *Lettera di Giacomo*, Scritti delle origini cristiane 17, Bologna 2004.
- FASCHER, E., *Der erste Brief des Paulus an die Korinther*, ThHKNT VII/1, Berlin ²1980.
- FEE, G.D., *The First Epistle to the Corinthians*, Grand Rapids ²1991.
- FISCHER, G., *Jeremia 1-25*, HThKAT, Freiburg – Basel – Wien 2005.
- FISCHER, I., *Rut*, HThKAT, Freiburg 2001.
- FITZMYER, J.A., *First Corinthians*, The Anchor Yale Bible 32, New Haven – London 2008.
- , *Romans*, AncB 33, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1993.
- , *The Acts of the Apostels*, AncB 31, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1999.
- FRANKEMÖLLE, H., *1. Petrusbrief, 2. Petrusbrief, Judasbrief*, Die Neue Echter Bibel, Band 18/20, Würzburg ²1990.
- FURNISH, V.P., *II Corinthians*, AncB 32a, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1984.
- GALLING, K., *Die Bücher der Chronik, Esra, Nehemia*, ATD 12, Göttingen 1954.
- GERLEMAN, G., *Esther*, BKAT, Band XXI, Neukirchen-Vluyn, ²1982.
- GIESEN, H., *Die Offenbarung des Johannes*, RNT, Regensburg 1997.
- , *Johannes Apokalypse*, Stuttgart 1992.
- GNILKA, J., *Das Matthäusevangelium I-II*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1986.
- , *Der Epheserbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1990.
- , *Der Kolosserbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1980.
- , *Der Philipperbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien ⁴1987.
- GÖRG, M., *Richter*, Die Neue Echter Bibel, Würzburg 1993.
- HAENCHEN, E., *Die Apostelgeschichte*, Göttingen 1961.
- HAGNER, D. A., *Matthew 1-13*, WBC 33a, Dallas 1993.

- , *Matthew 14-28*, WBC 33b, Dallas 1995.
- HANHART, R., *Dodekapropheten 7.1, Sacharja 1-8*, BKAT, Band XIV/7.1, Neukirchen-Vluyn 1998.
- HAWTHORNE G.F., *Philippians*, WBC 43, Dallas 1983.
- HERMISSON, H.J., *Deuterocesaja 2. Teilband, Jesaja 45,8-49,13*, BKAT, Band XI/2, Neukirchen-Vluyn 2003.
- HERZBERG, H.W., *Die Bücher Josua, Richter, Ruth*, ATD 9, Göttingen 1959.
- , *Die Samuelbücher*, ATD 10, Göttingen ²1960.
- HOLLADAY, W.L., *Jeremiah 1*, Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible, Philadelphia 1986.
- HOLLAND, M., *Das Buch der Richter und das Buch Rut*, Wuppertaler Studienbibel 10, Wuppertal ²2002.
- HOLTZ, G., *Die Pastoralbriefe*, ThHKNT XIII, 1972.
- HOSSFELD, F.L., ZENGER, E., *Psalmen 51-100*, HThKAT, Freiburg – Basel – Wien 2000.
- , *Psalmen 101-150*, HThKAT, Freiburg – Basel – Wien 2008.
- HUGHES, P.E., *Paul's Second Epistle to the Corinthians*, Grand Rapids 1992.
- JOHNSON, L.T., *The Acts of the Apostles*, Collegeville 1992.
- , *The Letter of James*, AncB 37a, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1995.
- KLAUCK, H.J., *1. Korintherbrief*, Die Neue Echter Bibel, Band 7, Würzburg 1984, ⁴2000
- KLEIN, R.W., *1 Samuel*, WBC 10, Dallas 1983.
- KRAUS, H.J., *Psalmen, 1. Teilband Psalmen 1-59*, BKAT, Band XV/1, Neukirchen-Vluyn 1961/1978. ⁷2003.
- , *Psalmen, 2. Teilband Psalmen 60-150*, BKAT, Band XV/2, Neukirchen-Vluyn 1961/1978. ⁷2003.
- KUSS, O., *Der Römerbrief*, Regensburg 1957.
- LEVINE, B.A., *Numbers 1-20*, AncB 4a, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1993.
- LIETZMANN, H., *An die Römer*, HandbNT, Tübingen ⁴1933.
- LINCOLN, A.T., *Ephesians*, WBC 42, Dallas 1990.

- LOHSE, E., *Die Offenbarung des Johannes*, NTD 11, Göttingen 1971.
- LONGENECKER, R.N., *Galatians*, WBC 41, Dallas 1990.
- LUNDBOM, J.R., *Jeremiah 21-36*, AncB 21b, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 2004.
- LYONNET, S., *Exegesis epistulae ad Romanos Cap I ad IV*, Roma ³1963.
- MARCHESELLI-CASALE, C., *Le Lettere Pastorali*, Scritti delle origini cristiane 15, Bolgna 1995.
- MARCONI, G., *Lettera di Giuda, seconda lettera di Pietro*, Scritti delle origini cristiane 19, Bologna 2005.
- MARTIN, R.P., *2 Corinthians*, WBC 40, Waco 1986.
- , *James*, WBC 48, Waco 1988.
- MCCARTER, P.K., *I Samuel*, AncB 8, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1980.
- , *II Samuel*, AncB 9, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1984.
- McKENZIE, J.L., *Second Isaiah*, AncB 20, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1968.
- McKEOWN, J., *Genesis*, Grand Rapids, Cambridge 2008.
- MEYERS C.L. and MEYERS E.M., *Haggai, Zechariah 1-8*, AncB 25b, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1987.
- MICHAELS, J.R., *I Peter*, WBC 49, Dallas 1988.
- MOTYER, J.A., *The Message of James*, Leicester, 1990.
- MOUNCE, R.H., *The Book of Revelation*, The New International Commentary on the New Testament, Grand Rapids 1998.
- MÜLLER, U.B., *Die Offenbarung des Johannes*, Gütersloh 1984.
- MUSSNER F., *Der Galaterbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1981.
- , *Der Jakobusbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien ⁵1987.
- MYERS, J.M., *I Chronicles*, AncB 12, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1965.
- NEYREY, J.H., *2 Peter; Jude*, AncB 37c, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1993.
- NOTH, M., *Das vierte Buch Mose Numeri*, ATD 7, Göttingen 1966.

- O'BRIEN, P.T., *Colossians, Philemon*, WBC 44, Dallas 1982.
- OBERLINNER, L., *Die Pastoralbriefe: Kommentar zum Titusbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1996.
- , *Die Pastoralbriefe: zweiter Timotheusbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1995.
- OSBORNE, G.R., *Revelation*, Grand Rapids 2002.
- PENNA, R., *La lettera agli Efesini*, Scritti delle origini cristiane 10, Bologna 1988.
- , *Lettera ai Romani I. Rm 1-5*, Scritti delle origini cristiane 6, Bologna 2004.
- PESCH, R., *Das Markusevangelium II*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1977.
- , *Die Apostelgeschichte*, EKK, Zürich 1986.
- , *Römerbrief*, Die Neue Echter Bibel, Band 6, Würzburg 1983.
- PFAMMATTER, J., *Epheserbrief, Kolosserbrief*, Die Neue Echter Bibel, Band 10 und 12, Würzburg 1990.
- PITTA, A., *Lettera ai Galati*, Scritti delle origini cristiane 9, Bologna 1996.
- POHL, A., *Der Brief des Paulus an die Römer*, Wuppertaler Studienbibel 46, Wuppertal 1998.
- PROPP, W.H.C., *Exodus 1-18*, AncB 2, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1999.
- QUINN, J.D., *The Letter to Titus*, AncB 35, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1990.
- von RAD, G., *Das erste Buch Mose, Genesis*, ATD 2/4, Göttingen 1961.
- , *Das fünfte Buch Mose, Deuteronomium*, ATD 8, Göttingen 1964.
- REUSS, J., SCHICK, E., *Briefe des Apostels Paulus (Timotheus und Titus, Philemon, Brief an die Hebräer)*, *Die katholischen Briefe, Die Apokalypse*, Echter Bibel, Würzburg 1968.
- RITT, H., *Offenbarung des Johannes*, Die Neue Echter Bibel, Band 21, Würzburg 1986.
- ROLOFF, J., *Die Apostelgeschichte*, Göttingen 1981.
- SASSON, J.M., *Jonah*, AncB 24b, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1990.
- SHELKLE, K.H., *Die Petrusbriefe, Der Judasbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1988.

- SCHLIER, H., *Der Römerbrief*, HThKNT, Freiburg – Basel – Wien 1987.
- SCHICK, E., *Die Apokalypse*, Echter Bibel, Würzburg 1952.
- SCHMID, H., *Das erste Buch der Könige*, Wuppertaler Studienbibel 13, Wuppertal 2000.
- SCHMIDT, H.W., *Der Brief des Paulus an die Römer*, ThHKNT VI, 1962.
- SCHMIDT, L., *Das vierte Buch Mose Numeri, 10,11-36,13*, ATD 7/2, Göttingen 2004.
- SCHMIDT, W.H., *Exodus*, BKAT, Band II/1, Exodus 1-6, Neukirchen-Vluyn 1988.
- SCHNEIDER, D., *Der Prophet Jeremia*, Wuppertaler Studienbibel 29, Wuppertal 41991.
- SCHNEIDER, G., *Die Apostelgeschichte*, I. Teil, Freiburg – Basel – Wien 1980.
- SMITH, R., *Nahum*, WBC 32, Dallas 1984.
- SMITH, R.L., *Micah – Malachi*, WBC 32, Dallas 1984.
- STAAB, K., FREUNDORFER J., *Die Thessalonicherbriefe, Die Gefangenschaftsbriefe, Die Pastoralbriefe*, RNT 7. Band, Regensburg 1959.
- STUART, D., *Hosea – Jonah*, WBC 31, Waco 1987.
- TATE, M.E., *Psalms 51-100*, WBC 20, Waco 1990.
- TOMÁS DE AQUINO, Sto., *Catena Aurea in Quatuor Evangelia II, Expositio in Lucam et Ioannem*, Taurini 1953.
- VANNI, U., *L'Apocalisse: ermeneutica, esegesi, teologia*, Bologna 1991.
- VEIOLA, T., *Das fünfte Buch Mose Deuteronomium Kapitel 1,1-16,17*, ATD 8,1, Göttingen 2004.
- VIRGULIN, S., *Isaia*, Roma 1968.
- VOUGA, F., *L'Épître de Saint Jacques*, Genève, 1984.
- WATTS, J.D.W., *Isaiah 34-66*, WBC 25, Dallas 1987.
- WEINFELD, M., *Deuteronomy 1-11*, AncB 5, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1991.
- WEISER, A., *Das Buch der zwölf Kleinen Propheten I* ATD 24, Göttingen 1956.
- , *Die Apostelgeschichte*, Leipzig 1989.
- WENHAM, G.J., *Genesis 16-50*, WBC 2, Waco 1994.
- WESTERMANN, C., *Das Buch Jesaja, Kapitel 40-66*, ATD 19, Göttingen 1966.

- WHYBRAY, R.N., *Isaiah 40-66*, New Century Bible Commentary, London 1990.
- WILDBERGER, H., *Jesaja, 1. Teilband Jesaja 1-12*, BKAT, Band X/1, Neukirchen-Vluyn ²1980.
- WOLFF, H.W., *Dodekapropheten 3, Obadja und Jona*, BKAT, Band XIV/3, Neukirchen-Vluyn 1977.
- YEFET, S., *1 Chronik*, HThKAT, Freiburg 2002.

5. Estudos

- ACZEL, R., «Intertextualität und Intertextualitätstheorien», in: *Metzler Lexikon Literatur- und Kulturtheorie*, hg. von Ansgar Nünning, Stuttgart/Weimar ³2004, 241.
- AMSLER, S., «𐤁𐤓𐤐», *THAT* II, 635-641.
- AUDET, J.P., «L'annonce à Marie», *RB* 63 (1956) 346-374.
- BALZ, H., «εὐλάβεια», *EWNT* II, 197-198.
- , «εὐλαβής», *EWNT* II, 198.
- , «ἐπιβλέπω», *EWNT* II, 59.
- , «κόσμος», *EWNT* II, 772.
- , «παιδίσκη», *EWNT* III, 10.
- BAUER, J.B., *Bibeltheologisches Wörterbuch*, 4. völlig neu bearbeitete Auflage, Graz 1994.
- BELLET, P., «Estructura i forma: anunciació de naixment i forma d'elecció profètica (Lc 1,26-38)», *RCatT* 7 (1982), 91-130.
- BERGER, K., «Das Canticum Simeonis (Lk 2,29-32)», *NT* 27, 1985, 27-39.
- BERTRAM, G., «φυλάσσω, φυλακή», *ThWNT* IX, 232-240.
- , «στρέφω κτλ», *ThWNT* VII, 714-729.
- BETTENCOURT, E., *Para entender o Antigo Testamento*, Aparecida ⁴1990.
- BETZ, O., «Name/Namengebung», in: *Das Grosse Bibellexikon*, hg. von Helmut Burkhardt, Fritz Grünzweig, Fritz Laubach, Gerhard Maier, Wuppertal 1987, 1. Sonderausgabe 2004, 1023-1026.
- BEUTLER, J., «μαρτυρέω», *EWNT* II, 960-962.
- BEYER, H.F., «διακονέω κτλ», *ThWNT* II, 81-93.
- , «θεραπέυω κτλ», *ThWNT* III, 128-132.

- BILLERBECK, P., - STRACK, H., *Kommentar zum NT aus Talmud und Midrasch, I-IV*, München 1926ff.
- BLOMBERG, C.L., *Die Gleichnisse Jesu: ihre Interpretation in Theorie und Praxis*, Wuppertal 1998.
- BROWN, R.E., *An Introduction to the New Testament*, New York – London – Toronto – Sydney – Auckland 1997.
- BÜCHSEL, F., «κρίνω κτλ», *ThWNT* III, 920-955.
- CARMIGNAC, J., *Le Mirage de l'Eschatologie*, Paris 1979.
- CAZELLES, H., «Knecht Gottes», in: J.B. BAUER, *Bibeltheologisches Wörterbuch*, 4. völlig neu bearbeitete Auflage, Graz 1994, 368-370.
- DANDAMAYEV, M.A., «Slavery», *ABD*, Volume 6, New York 1992, 58-65.
- DUNN, J.D.G., «Letter to the Romans», in: *Dictionary of Paul and his Letters*, Ed. G.F. Hawthorne, R.P. Martin, Leicester 1993, 838-850.
- ELLIS, E.E., «Pastoral Letters», in: *Dictionary of Paul and his Letters*, Ed. G.F. Hawthorne, R.P. Martin, Leicester 1993, 658-666.
- EGGER, W., *Methodenlehre zum Neuen Testament. Einführung in linguistische und historisch-kritische Methoden*, Freiburg 1987.
- FABRIS, R., *Lettera di Giacomo*, Scritti delle origini cristiane 17, Bologna 2004.
- FEARGHAIL, F.Ó., «Announcement or Call? Literary Form and Purpose in Luke 1:26-38», *ProIrBibAssoc* 16, Dublin 1993, 20-35.
- FOERSTER, W., «σέβομαι κτλ», *ThWNT* VII, 168-195.
- FREEDMAN, D. N., ed., *The Anchor Bible Dictionary*, New York 1992.
- FRÍAS, E.A., «Los anuncios del ángel», *BiFe* 2002, 78-105.
- GALOT, J., «Il mistero dell'Annunciazione e l'emancipazione della donna», *Marianum* 41 (1979), 101-124.
- GERLEMAN, G., «כָּפַר», *THAT* I, 922-925.
- , «כָּפַר», *THAT* II, 841-844.
- GRIESER, H., «Sklave», *LThK*, 9. Band, Freiburg Basel Rom Wien 2000, 655-656.
- , HILPERT K., «Sklave», *LThK* 9. Band, Freiburg Basel Rom Wien 2000, 656-657.
- GRUNDMANN, W., «ταπεινός κτλ», *ThWNT* VIII, 1-27.
- GUARDINI, R., *Die Mutter des Herrn*, Würzburg 1955.

- HARTMANN, S., *Die Magd des Herrn. Zur heilgeschichtlichen Mariologie Heinrich M. Kösters*, Eichstätter Studien 61, Regensburg 2009.
- HASLER, V., «εἰρήνη», *EWNT I*, 957-964.
- HAUFE, G., «δεσπότης», *EWNT I*, 697-698.
- HAWTHORNE G.F., «Letter to the Philippians», in: *Dictionary of Paul and his Letters*, Ed. G.F. Hawthorne, R.P. Martin, Leicester 1993, 707-713.
- , MARTIN R.P. Ed., *Dictionary of Paul and his Letters*, Leicester 1993.
- HOLTZ, T., *Untersuchungen über die alttestamentlichen Zitate bei Lukas*, Berlin 1968.
- HOLZMEISTER, U., «Dominus tecum» (Lc 1,28), *VD 23* (1943), 232-237.257-262.
- HUBAUT M., «Annonciation et Typologies», *Graphé 12* (2003), 51-56.
- JEPSEN, A., «AMA^H UND SCHIPHCHA^H», *VT 8*, Leiden (1958), 293-297.
- JEREMIAS, J., «נְבִיאִים», *THAT II*, 7-26.
- , «παῖς θεοῦ», *ThWNT V*, 676-713.
- , *Die Gleichnisse Jesu*, Göttingen ³1969.
- , *Jerusalem zur Zeit Jesu*, Göttingen ³1962.
- KRISTEVA, J., *Probleme der Textstrukturation*, Köln 1972.
- KROLL, G., *Auf den Spuren Jesu: Sein Leben, Sein Wirken, Seine Zeit*, Leipzig ¹²2002.
- KÜHLEWEIN, J., «אֵם», *THAT I*, 173-177.
- , «נְבִיאִים», *THAT I*, 398-402.
- , «יְלֵדָה», *THAT I*, 732-736.
- de LA POTTERIE, I., «Κεχαριτωμένη in Lc 1,28», *Bib 68* (1987) 357-382; 480-508.
- , *Maria nel mistero dell'alleanza*, Genova ²1992.
- LAURENTIN, R., *Structure et Théologie de Luc I-II*, Paris 1957.
- LLAMAS, E., «Maria la humilde esclava del Señor», *REsp 50* (1991) 183-208.
- LÜDEMANN, G., «ὑψιστος», *EWNT III*, 979-980.
- LYONNET, S., «Χαίρε Κεχαριτωμένη», *Bib 20* (1939) 131-141.
- MANICARDI, E., «L'annuncio a Maria Lc 1,26-38 nel contesto di Lc 1,5-80», *Theotokos 4* (1996), 297-331.

- MANZI, F., *La "Forma" obbedienziale del servizio di Gesù Cristo e di Maria. Confronto esegetico-teologico di Fil 2,7 con Lc 1,48*, Estratto della Tesi di Laurea in Sacra Teologia con specializzazione in Mariologia, Roma 1999.
- MASSON, J., *Jésus fils de David dans les généalogies de Saint Matthieu et de Saint Luc*, Paris 1982.
- McHUGH, J., *The Mother of Jesus in the New Testament*, London 1975.
- MIGUENS, M., *Mary, "the servant of the Lord": an ecumenical proposal*, Boston 1978.
- MIGUÉNS, P.M., «Servidora del Señor», *Maria in Sacra Scriptura IV* (1967), 73-110.
- MÜLLER, H.-P., «נְבִיאָ», *ThWAT V*, 145.
- MUÑOZ IGLESIAS, S., *Los cánticos del evangelio de la infancia según San Lucas*, Madrid 1983.
- MUÑOZ, A.S., *El Mesías y la hija de Sión*, Teología de la redención em Lc 2,29-35, Madrid 1994.
- NEUER, W., «Ehe», in: *Das Grosse Bibellexikon*, herausgegeben von Helmut Burkhardt, Fritz Grünzweig, Fritz Laubach, Gerhard Maier, Wuppertal 1987, 1. Sonderausgabe 2004, 292-297.
- PEISKER, C.H., «Gleichnis», in: *Theologisches Begriffslexikon zum Neuen Testament*, Wuppertal 2005, 809.
- PIXNER, B., *Wege des Messias und Stätten der Urkirche: Jesus und das Judenchristentum im Licht neuer archäologischer Erkenntnisse*, Giessen, Basel 1991.
- PRETE, B., «Il genere letterario di Lc 1,26-38», *RicStoB* 4,2 (1990/2), 55-80.
- RATZINGER, J., *Jesus von Nazareth*, Freiburg – Basel – Wien, 2007.
- RENGSTORF, K.H., «ἀποστέλλω κτλ», *ThWNT I*, 397-448.
- , «δεσπότης», *ThWNT II*, 43-48.
- , «δοῦλος κτλ», *ThWNT II*, 264-283.
- , «ὑπηρέτης κτλ», *ThWNT VIII*, 530-544.
- REUTER, E., «שֶׁפֶט», *ThWAT VIII*, 403-408.
- RIESENER, I., *Der Stamm עֵבֶר im Alten Testament*, Berlin, New York, 1979.

- RIESNER, R., «Nazareth», in: *Das Grosse Bibellexikon*, herausgegeben von Helmut Burkhardt, Fritz Grünzweig, Fritz Laubach, Gerhard Maier, Wuppertal 1987, 1. Sonderausgabe 2004, 1031-1037.
- RINGGREN, H., Rütterswörden, U., Simian Yofre, H., «עֲבָרָה», *ThWATV*, 982-1012.
- RODRÍGUEZ, A.A., «La vocación de María a la maternidad», *Eph Mar* 43 (2,93), 153-173.
- RODRÍGUEZ, A.A., «El "Magnificat" desde La Humillación», *Eph Mar* 48 (3,98), 335-363.
- ROSSANO P., RAVASI G., *Nuovo Dizionario di Teologia Bíblica*, Cinisello Balsamo (Milano), 1996.
- ROSSÉ, G., «Approcci exegetici al testo della Presentazione», *Theotokos* 6 (1998), 17-30.
- SALGUERO, J., «Maria, la "Sierva del Senhor" (Lc 1,38), *Servidor de la Palabra*, Miscelanea Bíblica en honor del P.A. Colunga, Salamanca 1979, 369-396.
- SASS, G., «Zur Bedeutung von δοῦλος bei Paulus», *ZNTW* 40 (1941) 24-31.
- SAVOCA, G., «Profezia», in: *Nuovo Dizionario di Teologia Bíblica*, Cinisello Balsamo (Milano), 1996, 1232-1247.
- SAWYER, J.F.A., «קִבְּרָה», *THAT* II, 583-586.
- SCHILDENBERGER, J., «Bund», in: *Bibeltheologisches Wörterbuch*, 1. Auflage, Graz 1959, 92-101.
- , «Prophet», in: *Bibeltheologisches Wörterbuch*, 1. Auflage, Graz 1959, 632-635.
- SCHMID, H., «Prophetie», in: *Das Grosse Bibellexikon*, herausgegeben von Helmut Burkhardt, Fritz Grünzweig, Fritz Laubach, Gerhard Maier, Wuppertal 1987, 1. Sonderausgabe 2004, 1231-1238.
- SCHNACKENBURG, R., *Gottes Herrschaft und Reich*, Freiburg – Basel – Wien 1965^d.
- SCHNEIDER, G., «δίκαιος», *EWNT* I, 781-784.
- SCHOTTROFF, W., «עֲרִיבָה», *THAT* I, 682-701.
- SCHRENK, G., «διαλογίζομαι», *ThWNT* II, 95-96.
- SERRA, A., «L'annunciazione a Maria un formulario di Alleanza?», *PaVi* 25 (1980), 164-171.

- , «Serva del Signore», in: S. De Fiore – V. Ferrari Schiefer – S.M. Perrella (a cura di), *Mariologia*, Cinisello Balsamo 2009, 1080-1087.
- SICRE, J. L., *Profetismo en Israel*, Estella 1992, 1997³.
- SKILTON, J.H., Hg., *The Law and the Prophets*, Nutley 1974.
- SOGGIN, J.A., «שִׁוּב», *THAT* II, 884-891.
- STÄHLI, H.P., «הִיָּוָה», *THAT* I, 530-533.
- STEFANI, P., «Maria figlia di Sion e le radici ebraiche di Gesù», *Marianum* 59 (1997), 17-30.
- STOCK K., «Die Berufung Marias (Lk 1,26-38)», *Biblica* 61, (1980), 457-491.
- , «Lo Spirito su Maria (Lc 1,26-38)», *PSV* 4 (1981), 88-98.
- , «Von Gott berufen und von den Menschen selig gepriesen. Die Gestalt Marias in Lukas 1,26-56,» *GeistLeb* 64 (1, '91) 52-63.
- , *Maria, La Madre del Signore, nel Nuovo Testamento*, Roma ²2003.
- STOEBE, H.J., «רִגְוָה», *THAT* I, 587-597.
- STRACK, S. BILLERBECK
- STRATHMANN, H., «λαός», *ThWNT* IV, 49-57.
- , «λατρεύω κτλ», *ThWNT* IV, 58-66.
- , «λειτουργέω κτλ», *ThWNT* IV, 221-229.232-238.
- STROBEL, A., «Der Gruß an Maria (Lk 1,28). Eine philologische Betrachtung zu seinem Sinngehalt», *ZNW* 53 (1962), 86-110.
- van UNNIK, W.C., «Dominus Vobiscum: The Background of a Liturgical Formula», in: *New Testament Essays. Studies in Memory of T.W. Manson*, ed. by A.J.B. HIGGINS (Manchester 1959), 270-305.
- VALENTINI, A., «L'annuncio a Maria», *Theotokos* 4 (1996), 281-295.
- VANNI, U., «Galati (Lettera ai)», *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, Cinisello Balsamo (Milano), ⁶1996, 561-565.
- , «Romani (Lettera ai)», *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, Cinisello Balsamo (Milano), ⁶1996, 1376-1383.
- de VAUX, R., *Das Alte Testament und seine Lebensordnungen I und II*, Freiburg, 1960/1962.
- VINCENT, A., La presunta sustantivación τὸ γεννώμενον en Lc 1,35, *EstBib* 33 (1974), 265-273.

- WEISER, A., «διακονέω», *EWNT I*, 726-732.
 ———, «δουλεύω», *EWNT I*, 844-852.
- WESTERMANN, C., «עֲבָד», *THAT II*, 182-200.
 ———, «כִּבְּד», *THAT I*, 794-812.
 ———, «שָׂרַת», *THAT II*, 1019-1022.
- van der WOUDE, A.S., «שָׂם», *THAT II*, 935-963.
- ZEDDA, S., «Lc 1,35b, «Colui che nascerà santo sarà chiamato figlio di Dio»,
RivBiblit XXXIII (1985), 29-43.165-189.
- ZIMMERLI, W., «παῖς θεοῦ», *ThWNT V*, 653-676.

Índice

«ἰδοὺ ἡ δούλη κυρίου» como conclusão de Lc 1,26-38 (continuação e conclusão).....	5
V. A serva do Senhor (Lc 1,35-38).....	7
1. «O Espírito Santo descerá sobre ti».....	7
2. «Eis aqui a serva do Senhor».....	10
VI. Maria louva a grandeza e o agir de Deus (Lc 1,46-55).....	13
Conclusão.....	17
I. A vocação de Maria	17
II. A colaboração ativa na obra salvífica de Deus	18
1. O serviço de Moisés.....	18
2. O serviço de Davi e do servo de Deus.....	19
3. O serviço de Paulo	20
4. O serviço de Maria.....	21

III. Familiaridade com Deus	22
1. Moisés e outros servos de Deus.....	23
2. Paulo	23
a) A relação de Paulo a Deus	23
b) A relação de Paulo com Jesus Cristo.....	23
3. Maria.....	24
a) A relação de Maria para com Deus.....	24
b) A relação de Maria com o seu Filho.....	24
IV. A singularidade da resposta de Maria.....	24
Bibliografia	27
1. Edições de texto e traduções.....	27
2. Subsídios de trabalho.....	27
3. Comentários sobre Lucas.....	28
4. Outros comentários	29
5. Estudos.....	36